

A COLEÇÃO ANJOS DE BRANCO: LITERATURA DE ENCOMENDA E ENFERMAGEM ✓

204

Maria Andreia de Paula SILVA¹
Rita de Cássia de Souza SILVA²

✓ Artigo recebido em 02 de agosto e aprovado em 31 de setembro.

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <mariaandreiasilva@cesjf.br>

² Mestranda do Programa de Mestrado de Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <rita.silva2007@ig.com.br>.

A COLEÇÃO ANJOS DE BRANCO: LITERATURA DE ENCOMENDA E ENFERMAGEM

THE COLLECTION 'ANGELS IN WHITE': COMMISSIONED ON THE SUBJECT OF LITERATURE AND NURSING

RESUMO

Em 2001 o Conselho Federal de Enfermagem, como parte de uma campanha publicitária, encomendou à Academia Brasileira de Letras uma coleção de romances com intuito de obter o reconhecimento da sociedade e de elevar a imagem do profissional de enfermagem. Nesse artigo pretende-se apresentar o histórico dessa encomenda e descrever como se deu o processo de construção da coleção Anjos de branco. Para isso, será investigado o nascimento da literatura de encomenda no campo da História da Literatura, partindo-se do pressuposto que esta se insere em uma polêmica relacionada ao valor da obra, já que este se apresenta como uma consequência da função autor, pois a encomenda funciona em oposição ao mito da inspiração original. Entende-se por literatura de encomenda uma escrita sugerida por outra pessoa, seja uma editora, seja um patrocinador, entre outros, sem que o autor seja o idealizador da obra literária. A descrição dos processos de editoração da coleção Anjos de branco faz parte do escopo desse trabalho.

Palavras-chave: Literatura de encomenda. Coleção Anjos de branco. Enfermagem.

ABSTRACT

In 2001, as part of an advertising campaign, the federal nursing council of Brazil commissioned *Academia Brasileira de Letras* (Brazilian Academy of Letters) to create a collection of novels intended to call society's attention to that working segment, as well as raise the nurses' spirits. On this paper, we present the events in the context of such a commissioning and describe the creation process of the novel collection *Anjos de branco* ('Angels in white'). For doing so, we investigated the rise of commissioned literature within the History of Literature studies, beginning with the assumption that the former has a delicate position concerning the value of the writing, which is commonly seen as a consequence of the author's work. Commissioning a book, therefore, challenges the myth of original inspiration. Commissioned Literature is defined here as being a suggested writing by a person who is not a writer, but rather the idealizer of the literary work, regardless if it is a publisher or a sponsor, among others. The description concerning the editing processes of *Anjos de branco* collection is also part of the scope of this paper.

Keywords: Comissioned Literature. Anjos de branco Collection. Nursing.

1 INTRODUÇÃO

Por meio da arte, o indivíduo é capaz de perceber os valores da sociedade em que vive e suas relações com estes, apreendendo os diversos aspectos da natureza humana. A arte tem um caráter significativo e influente assim como os aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos que estruturam o sistema de formação de uma sociedade. Essa influência acontece tanto externa quanto internamente, pois de acordo com Candido (2006, p. 84), “a literatura é, [...], um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”.

Neste circuito, destaca-se o papel social desempenhado pelo escritor que, por meio de sua capacidade de criar, supera ou não as expectativas de um público de leitores e de editores, que estabelecem vínculos com o autor de acordo com as condições fundadas de diálogo entre autor, público e editor. Assim, a posição do escritor na sociedade está relacionada à apreciação que estes grupos cultivam em relação a ele, vindo esta questão ao encontro do reconhecimento coletivo de sua ação, justificando-se socialmente.

Circunstanciada sobre estas premissas, este artigo tem por objetivo analisar a literatura de encomenda, descrever dentro da História da Literatura como se processa o nascimento desta prática e contextualizar a polêmica estabelecida no campo cultural em relação à obra de encomenda. Para tanto, partiu-se dos pressupostos de Michel Foucault, no ensaio publicado em 1969, **O que é o autor** que quebra com o mito de originalidade soberana do criador, trazendo questões sobre a importância do leitor dentro do sistema literário.

O fato é que inúmeros aspectos inerentes ao mundo literário estão vinculados ao público, pois a obra é destinada a ele, a aceitação das ideias e técnicas utilizadas pelo escritor passarão pelo crivo do leitor, assim como a remuneração do escritor também está relacionada com a receptividade e aceitabilidade da obra pelo público.

Para delinear a situação contextualizou-se o processo de modernização do mercado cultural no país, bem como as estratégias para a conformação de um novo público leitor, desvendando novos nichos de mercado e a criação de produtos

específicos a cada público. Buscou-se ainda delinear como a indústria cultural proporcionou ações que vinculavam a produtividade à demanda estabelecida, questionando se tal comportamento prejudicou o escritor no processo de amadurecimento e, simultaneamente, a qualidade do produto final.

Neste aspecto será realizada uma descrição sobre a instituição desta prática no campo cultural trazendo discussões sobre o mercado literário no Brasil, buscando conhecer como se processa a encomenda de coleções temáticas e verificar as possíveis consequências para a criação da obra.

Este estudo justifica-se enquanto instrumento de pesquisa referente ao aprofundamento das motivações para o nascimento de uma obra, dos caminhos percorridos pelo autor desde sua concepção até a publicação. Elucidar o cenário literário contemporâneo, evidenciando as discussões relacionadas à cultura de encomenda e conhecer as perspectivas de recepção crítica deste tipo de obra, são ações que podem contribuir para as futuras análises do circuito literário.

A coleção Anjos de branco foi encomendada pelo COFEN (Conselho Federal de Enfermagem) no início desse século como parte de uma campanha publicitária do referido órgão tendo por finalidade obter o reconhecimento da sociedade e de elevar a imagem do profissional de enfermagem. Nesse artigo será apresentado o histórico desta encomenda e descrito o processo de construção da coleção Anjos de branco.

2 LITERATURA E MERCADO

A literatura é difundida de acordo com o período histórico em que está inserida, e carrega em sua retórica aspectos relevantes para a percepção de seus modos de produção e recepção da obra literária.

Conforme Tânia Pellegrini (1997) "[...] cada período histórico produz e difunde sua literatura através dos modos técnicos e das instituições disponíveis o que lhe confere uma marca particular" (PELLEGRINI, 1997, não paginado). Desta forma, percebe-se, através do tempo, que a difusão da escrita foi se modificando, seja por meio da imprensa inventada por Gutemberg, seja pelo avanço tecnológico no campo da comunicação atual. O excepcional sistema de produção/divulgação/consumo

vivenciado em nossos dias permite questionar se os valores instituídos na cultura da escrita permanecerão com seus mesmos ideais. A este respeito Pellegrini afirma: "[...] É bem provável que não, pois as novas técnicas vêm mudando não só a produção da literatura, mas seus modos de fruição e, sobretudo sua definição enquanto prática social e atividade humana" (PELLEGRINI, 1997, não paginado).

Para a pesquisadora toda a tecnologia criada para a produção/divulgação/recepção é incorporada à estrutura de uma indústria cultural, inserida dentro do processo de globalização e envolta por um sistema capitalista que contribuiu para o reordenamento de espaço do literário, fazendo com que, desta forma, o texto ganhasse uma proporção de caráter mercadológico.

Pellegrini descreve bem como se deu este processo:

A troca gradativa do estatuto de “puro objeto estético” pelo de mercadoria (que não é de hoje e vem acompanhando toda a história do capitalismo), trouxe como consequência inescapável a também gradativa redefinição das relações entre a literatura, o leitor, o autor e a própria crítica, que agora, mais que nunca, circulam no interior de um todo estruturado de acordo com a lógica do dinheiro, denominado mercado editorial (PELLEGRINI, 1997, grifo da autora. Não paginado).

Raul Antelo, em seu artigo **Valor e Pós Crítica**, questiona quais são os valores aos quais atribui-se universalidade. O pesquisador passa, então, a inferir várias posições relativas à politização no meio cultural que regulamenta para a sociedade os domínios ideológicos da arte e que, por meio de mecanismos intervencionistas, acaba por apresentar para esta mesma sociedade uma dimensão limitada do pensamento crítico. Ou seja, aquilo que é apresentado como universal ou global é fruto de um universo formado por exclusões internas, como ocorre também com a alta literatura.

Walter Benjamin (1916, apud Antelo, 2002, p. 146), declara “que toda não identidade é infinita, o que não quer dizer que toda identidade seja finita ou mesmo circunscrita”. E assim Raul Antelo corrobora com Walter Benjamin ao declarar que

De acordo com essa posição, poderíamos dizer, em outras palavras, que é impossível, de antemão, definir os não valores da arte ainda que, de outro lado, seja igualmente impossível discriminar os autênticos valores. O retorno angustioso de certas questões e de seus impasses – tal o caso dos valores – põe a nu, como diz Jean-Luc-Nancy, até que ponto estamos

expostos ao impossível e como essa contingência nos confere condição humana, e por esse motivo, inesgotável (ANTELO, 2002, p. 146).

Percebe-se, então, que os valores da arte não se apresentam num lugar determinado, mas difusos, e que as dimensões que antes o caracterizavam, tais como beleza, verdade, entre outras, não fazem sentido na contemporaneidade. A este respeito, Eneida Maria de Souza no ensaio **Mais vale um gosto que seis vinténs** afirma que:

No caso específico do discurso literário, o valor estético a ele conferido pode se pautar por critérios de qualidade intrínseca ou por verdades canônicas, assim como pela recusa de um vínculo com a própria rede de construção simbólica que atua nos julgamentos de valor (SOUZA, 2002, p.184).

Ou seja, é possível aproximar dentro da arte o estético do anestético e construir, a partir das contradições do novo, uma nova identidade artística, já que a heterogeneidade de uma obra permite novas interpretações e atualizações de valores.

A questão acima é delimitada pelo debate sobre a cultura de massas e sua reprodução, com conseqüente repercussão desta na sociedade. Roland Barthes (1963) afirma, sobre a dessacralização estética da obra, que esta se configura como uma obra extralinguística, por apresentar um caráter imediatista e, ser desprovida de mediação ética. Nesse sentido tem-se que “o julgamento crítico literário e universalista força o domínio do estético ao associá-lo com uma veracidade pedagógica [...]” (ANTELO, 2002, p. 152).

Beatriz Sarlo (1981, p. 23 apud ANTELO, 2002) problematiza a questão da crítica que constitui o seu próprio verossímil, porém destaca que todo verossímil é, por acepção, injusto e descreve:

Por isso é inaceitável a pretensão absolutista da velha crítica que, naturalizando e deshistorizando sua verossimilhança aspira a convertê-lo em critério absoluto de legitimidade e propriedade literário-institucional. A ideia de verossimilhança crítica, formalista e convencionalista, entretanto é a respeito das próprias proposições que o sistema crítico adquire sua verdade, e vai tornando-se em algo como um princípio epistemológico para Barthes, tanto nas suas intervenções semiologizantes como na sua crítica do gosto (SARLO, 1981, p. 23 apud ANTELO, 2002, p. 152).

A contextualização do problema está relacionada à veia crítica que busca estabelecer como critério a legitimidade instituída pelo próprio sistema crítico convencional.

Coube a Roland Barthes, em dado momento histórico, lançar as bases de uma oposição à crítica tradicional. O crítico trouxe discussões referentes às relações estabelecidas entre o homem e a obra, desfazendo as fronteiras instituídas na literatura ao voltar seu enfoque para o texto e sua estrutura. Para o filósofo, a obra não termina após sua conclusão; necessariamente esta escritura precisará de um leitor, que tem seu lugar estabelecido já que o texto só se efetua em sua magnitude no instante da recepção.

Em síntese o filósofo declara que,

[...] Assim se desvenda o ser total da escritura: um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse alguém que mantém reunidos em um mesmo campo todos os traços de que é constituído o escrito. [...] sabemos que, para devolver à escritura o seu futuro, é preciso inverter o mito: o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor (BARTHES, 1988, p. 70).

Depreende-se, então, que se o texto não está em sua essência vinculado a um criador, mas que abre espaço por meio da pluralidade da escrita a adeptos ou a opositores, conforme descrito por Barthes (2002, p. 74) “Texto quer dizer tecido [...] nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através do entrelaçamento perpétuo”. Neste aspecto Roland Barthes em sua tese **A morte do autor** quebra com o mito de originalidade soberana do autor e redimensiona aspectos da intertextualidade.

Para Foucault a obra é responsável pela morte do autor, pois nela encerra toda a evocação do sujeito que a escreveu. Nesse sentido, Foucault (2000, p. 41) se detém a “seguir de perto a repartição das lacunas e das fissuras e perscrutar os espaços, as funções livres que esse desaparecimento deixa descoberto [...]”. Com

esta visão, o filósofo estabelece a função de autor, segundo a qual este não está simplesmente vinculado à sua autoria, mas ao seu valor perante o leitor.

Tendo em vista as posições teóricas elencadas acima, é possível compreender o desenvolvimento do processo de industrialização da cultura no Brasil, que repercutiu na profissionalização do escritor, assim como na constituição de uma nova modalidade de público.

Nesta perspectiva, não somente o escritor precisou adaptar-se aos novos moldes de profissionalização, mas também o leitor, que se percebe no campo da leitura enredado por questões relacionadas ao marketing da cultura e por muitas vezes afastado do mundo das letras. Tal fato é notório na década de 1970 e 1980, com o desenvolvimento do mercado editorial, quando a escolha de livros era feita a partir de projeções produzidas pelo mercado que, aliado à mídia, conseguia bons resultados.

O processo de modernização colaborou para o crescimento e desenvolvimento do mercado cultural; porém esta questão não se refletiu na sociedade comprometida por questões de desigualdades sociais estabelecidas no Brasil por problemas político-econômicos, responsáveis pela exclusão de uma parcela da população, o que contribuiu por tornar a leitura em no país ainda uma atividade de poucos adeptos.

Tânia Pellegrini (1997) relata a importância da recepção, assim como da nação que se preocupa com a formação cultural de seu povo:

Dessa maneira, a recepção tem um papel relevante e se torna mais um traço da história, assim como da sociologia da leitura: se o país é desigual na distribuição da riqueza, também o é na distribuição da cultura letrada (ou informatizada; nesse ponto, com certeza, os meios importam menos do que se apregoa) (PELLEGRINI, 1997, não paginado).

Infere-se, portanto, que frente às questões apresentadas de um mercado editorial com todo suporte tecnológico, inserido dentro de uma indústria cultural, ainda assim apresenta em sua fatura uma defasagem no número de leitores/consumidores em função dos problemas de ordem histórico-estruturais, aliando-se a estes um fato bastante relevante para a classe trabalhadora referente ao preço de um livro que, no ano de 1995, era em torno de 20% do salário mínimo.

Neste contexto, a indústria cultural inicia um processo de modernização do mercado na década de 1960 e que se concretiza na década de 1970, estabelecendo estratégias para a conformação de um público leitor, direcionado para a classe média, diferentemente do ocorrido nas décadas de 1940 ou 1950, quando este era representado pela elite social. O mercado editorial foi crescendo e se apropriando de novos públicos ou novos nichos de mercado e, ao perceber uma demanda reprimida, criou produtos específicos para cada grupo, como podemos observar na década de 1980 com a publicação de várias coleções dedicadas ao público jovem universitário pela Editora Brasiliense.

A indústria cultural toma como meta a produtividade aliada à demanda, o que pode causar um prejuízo no processo de maturidade do escritor que não consegue acompanhar as expectativas advindas do mercado, podendo ocasionar um comprometimento na qualidade do produto final.

Outro fator importante relacionado ao mercado editorial, além da produtividade aliada a um público específico, está em como criar formas de orientação ou direcionamento do leitor por meio do marketing e da publicidade em revistas, jornais, programas de televisão e de rádio que sugerem determinada conduta relacionada a um produto conhecido e estabelece que este seja o mais famoso, tornando-o um sucesso. Neste jogo de forças, pode-se implementar uma marca literária que tem por finalidade alcançar a confiança do público com a garantia do produto conhecido, mas que essencialmente pode não representar algo novo para o leitor.

Com a crise da literatura surgem novas perspectivas do **fazer literário** que, de certa forma, não representam os valores instituídos pela literatura clássica. Neste sentido configura-se uma nova fase da história cultural e literária do país inserida no pós-modernismo que se apresenta dentro de um contexto de transformações vivenciadas na produção cultural e estabelecida pela economia de mercado.

No Brasil, a partir da década de 1980 aparece no âmbito do mercado editorial a figura do executivo-editor com a finalidade de ampliação dos rendimentos e, conseqüentemente, do capital de giro. Nesse momento não se afasta a publicação de obras de valor literário, uma vez que estas do mesmo modo propiciam lucro para a empresa e também têm seu espaço no mercado. Mas o trabalho desenvolvido

pelo editor em produzir literatura na atualidade vai ao encontro de um grupo percebido como um potencial consumidor do seu produto, não se desvinculando, portanto, do aspecto econômico.

Korakakis (2006, p. 20) relata que “o principal modo de difusão de ideias, que podem ser críticas, até mesmo de oposição, ao sistema econômico, político e legal vigente, é a produção de bens culturais que obedecem a regras dispostas nesse sistema [...]”. Neste sentido, o desempenho do novo editor, que apresenta aspectos voltados para o intelectual e o comercial, vai se confrontar de forma paradoxal com o sistema ao publicar obras que vão contra a literatura clássica e assim reforçar sua ação.

Os critérios estabelecidos no planejamento da criação de coleções temáticas levam em conta aspectos como racionalidade, economia, prestígio relacionado a certos escritores, assim como a temática desenvolvida que, ao alcançar o gosto pela leitura e ser capaz de aguçar o imaginário do leitor, levará o mesmo à compra de outros livros, isto devido à transferência de valor simbólico entre eles.

A história da publicação de coleções tem início na década de 1960, com a Editora Perspectiva, e na próxima década com a Editora Brasiliense, com obras de caráter literário e outras de caráter não ficcionais, populares e científicas direcionando seu catálogo de acordo com a especificidade de seu público. Seu auge acontece na década de 1980, com Caio Graco Prado na direção da empresa, que tinha como estratégia a publicação de coleções de livros voltados para um público jovem específico, apresentando ampla diversidade temática, baixo custo, o que propiciava a aquisição pelo público eleito. A coleção precursora e também de maior destaque é a **Primeiros passos** com a marca de cinco milhões de exemplares.

Conforme Koracakis (2006), os autores que escreviam para essas coleções eram escritores renomados da esfera acadêmica e que, no entanto, escreviam textos de fácil compreensão de acordo com o público-alvo. As temáticas abordadas orientavam a leitura de outras para a complementação, prioritariamente vinculadas a outras obras publicadas pela própria editora e, no final do texto eram destacados os últimos lançamentos da editora, configurando uma estratégia inovadora e, conseqüentemente, um excelente marketing.

Neste aspecto, Luiz Schwarcz em entrevista outorgada à jornalista e pesquisadora Cecília Costa (2002) observa que a Editora Brasiliense na década de 1980, com sua visão empresarial e inovadora, percebe um novo público e, por meio de estratégias de marketing voltadas a este, consegue incluir um consumidor à espera de temáticas pertinentes a seus gostos, com direção a certos assuntos intelectuais e políticos.

Nesta perspectiva é notória a descrição feita por Korcakakis (2006) em relação à Editora Brasiliense.

A especificidade da Editora Brasiliense na década de 1980 sob a condução de Caio Graco Prado foi a utilização da estratégia de organizar sua produção em coleções para atingir um nicho de mercado específico, o do jovem leitor, e ao mesmo tempo formá-lo como leitor. Ao jovem brasileiro que iniciava a sua maturidade intelectual durante a década da abertura era oferecida uma série de leituras organizadas – inicialmente não-ficcionais e depois também ficcionais e poéticas – por uma editora em ascensão. O jovem teria seu gosto formado e direcionado para determinadas opções intelectuais, políticas e estéticas deliberadamente e sem constrangimento. Como alternativa à ditadura que se encerrava, era oferecida uma verdadeira biblioteca libertária, repleta de beats, poetas marginais e heróis revolucionários. Se utilizarmos a dicotomia contra/a favor do mercado explicitada por Guinsburg, podemos dizer que a Brasiliense trabalha contra o mercado, na medida em que participa da criação de novas necessidades de leitura, formando um novo leitor, mas trabalha a favor do mercado na medida em que capta uma necessidade de consumo latente num nicho determinado. A Brasiliense da década de 1980 moldava e era moldada pelo seu público preferencial, o jovem leitor (KORACAKIS, 2006, p. 47-48).

Conforme descrito, uma editora pode trabalhar a favor ou contra o mercado; ao trabalhar a favor deste a editora terá como estratégia conhecer o público em potencial, o gosto do mesmo, e trabalhar para desenvolver livros que irão ao encontro deste público. Da mesma forma, ao trabalhar contra o mercado, a editora tem por finalidade o conhecimento de condições ainda não exploradas, ou seja, nichos de públicos e, por meio do estabelecimento de influências a este público, gerar nova comunidade de consumo, de maneira que o mercado é também favorecido ao se buscar alternativa de produção e de consumo de um segmento não explorado.

Depreende-se que a oposição entre o componente comercial e o não comercial se apresenta em todo o âmbito cultural “ela é o princípio gerador da maior parte dos julgamentos que, em matéria de teatro, cinema, pintura, literatura,

pretendem estabelecer a fronteira entre o que é arte e o que não o é [...]” (BOURDIEU, 2004, p. 30). Esta configuração demonstra como a empresa editorial se aproxima do polo comercial ou, contrariamente, se afasta do polo cultural.

A arte que é produzida em massa, para um público versátil, e que tem em vista um extenso consumo, nasce de uma necessidade de entretenimento do público que tinha a literatura culta como complexa e de difícil compreensão. Portanto, não surge com a finalidade de substituir a literatura culta, mas de preencher os espaços deixados por esta: “É claro que não se pode perder a essência do produto cultural: o vínculo com seu público e os compromissos estético, ético e social, que devem mover todo o fazer artístico-cultural” (BRANT, 2001, p. 21).

As possibilidades apresentadas acima, em relação à encomenda de coleções, objeto de estudo deste artigo podem ter contribuído para a confecção da coleção Anjos de branco, realizada na década inicial de 2000 pelo COFEN (Conselho Federal de Enfermagem).

3 A COLEÇÃO ANJOS DE BRANCO

O sistema COFEN/Conselhos Regionais se constitui como uma autarquia que, segundo o dicionário, caracteriza-se como uma “Entidade autônoma, auxiliar e descentralizada da administração pública, sujeita à fiscalização e tutela do Estado com patrimônio constituído de recursos próprios e cujo fim é executar serviços de caráter estatal ou interessantes à coletividade” (FERREIRA, 1986, p. 201).

O artigo 8º da lei 5.905/73 descreve as competências do Conselho Federal, e, no item X, pode-se ler que cabe a ele “promover estudos e campanhas para o aperfeiçoamento profissional” (COFEN, 2009, p. 4). É neste sentido que se pretende circunstanciar o processo de construção da coleção Anjos de branco, ocorrida na gestão de 2000 a 2005, sob a presidência de Gilberto Linhares Teixeira.

Em uma entrevista realizada pela **Revista Educação Física**, em 2002, perguntado sobre qual o trabalho desenvolvido pelo Conselho e as estratégias usadas na adesão dos inscritos, Gilberto Linhares relatou o seguinte:

[...] Já estamos desenvolvendo novos projetos que visam a aproximar ainda mais nossos inscitos [...] Estamos investindo também no Museu da Enfermagem, em Salvador, terra natal de Ana Nery, o que fará da Enfermagem a primeira profissão regulamentada a possuir uma instituição para contar sua história. Outra iniciativa do COFEN foi a produção o episódio Ana Nery, da série Brava Gente, na Rede Globo. Também firmamos parceria com a Academia Brasileira de Letras para a publicação da coleção Anjos de Branco, na qual vários imortais estão publicando livros em que os protagonistas são Profissionais de Enfermagem. Já estamos abrindo nosso Concurso Literário dirigido, exclusivamente, aos profissionais de Enfermagem. O vencedor terá seu livro publicado pela coleção Anjos de Branco e lançado no 6º congresso, em Setembro de 2003. Tudo isso são iniciativas que fazem a categoria se aproximar mais e mais do COFEN (TEIXEIRA, 2002, p. 24).

O trecho citado evidencia as estratégias para aproximação dos profissionais de enfermagem com o Conselho de classe, além de revelar uma preocupação na divulgação da profissão em diversas mídias, utilizando-se da televisão, da criação de um Museu e da literatura com uma proposta voltada para a publicação de obras com referências ao profissional de enfermagem.

A concretização desta última estratégia foi construída a partir de uma parceria com a Academia Brasileira de Letras. Desta forma, a encomenda da coleção Anjos de branco foi designada ao acadêmico Antonio Olinto, coordenador da edição e autor do primeiro livro da coleção. O evento chamou a atenção da mídia criando uma espécie de censura a quem se propôs a aceitar o desafio.

Em resposta, Antonio Olinto, em matéria escrita no Jornal **Tribuna da Imprensa** em 02 de agosto de 2002, no Rio de Janeiro, faz considerações sobre a cultura de encomenda, apoiado nas teorias da estética da recepção idealizada por críticos literários alemães, e “defende a tese de que o escritor escreve por encomenda dos leitores. [...] o leitor como que encomenda ao seu escritor o livro que ele quer” (OLINTO, 2002, não paginado).

Nesta perspectiva o acadêmico corrobora com o alemão L.L. Schucking, um dos primeiros intelectuais que analisaram o tema na obra **A sociologia do gosto literário** (1923). Nesse sentido, Zilberman (2008) relata que o intelectual “visa interpretar as preferências do público, entendido esse como um elemento ativo que interfere não apenas no prestígio de um texto, mas também em sua criação” (ZILBERMAN, 2008, não paginado).

Estudos mostram que o valor de uma obra está ligado à recepção desta pelo público. Portanto, compreende-se que o leitor não age de forma individualizada ou singular, as sociedades transmitem suas perspectivas dentro de um contexto em que as obras estão inseridas. Hans Robert Jauss, sobre a estética da recepção, refere-se à relação dialógica entre a obra e o leitor descrevendo este último como impulsionador capaz de intervir no sistema de circulação da literatura na sociedade, contribuindo por garantir a historicidade das obras literárias.

Para Antonio Olinto a obra depende literalmente do artista e da sociedade que determina a sua posição, pois esta, por meio de suas forças, condiciona os caminhos trilhados pelo artista. A inspiração exercida pelos valores sociais, pensamentos e meios de comunicação impulsionam o artista para o fazer literário.

O escritor ainda argumenta que,

O que se pede é que não se tire do escritor a liberdade de escrever o que ele quiser e como quiser. As palavras emergem do corpo do pensamento, emergem da memória e da experiência, e são como pedras erguendo um mundo novo, criando gente, arrebanhando imagens e paisagens, vistas ou pensadas. O que se exige de quem as cria é que seja fiel a si mesmo, domine os instrumentos de sua língua e saiba avançar pelos tortuosos caminhos da emoção de viver (OLINTO, 2002, não paginado).

A descrição feita pelo escritor deve-se ao fato deste ter aceitado a proposta de coordenação da coleção Anjos de branco, assim como também a encomenda de uma obra literária. Os argumentos expostos retratam uma defesa da liberdade de criação, visto que este se preocupa em justificar que a capacidade inventiva do escritor não é afetada pelo ato da encomenda.

Contudo, o que se infere também da fala do escritor é a crença na influência social que, conforme Antonio Candido, “[...] traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea de nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões [...]” (CANDIDO, 2006, p. 45).

A coleção Anjos de branco foi viabilizada por meio de parceria com a Academia Brasileira de Letras, e o acordo firmado entre o COFEN e a Editora Mondrian de Comunicações Ltda. Coordenada por Antonio Olinto, escritor, poeta, jornalista e crítico literário, acadêmico e autor do primeiro livro.

Certificamos, por meio da pesquisa, que a coleção Anjos de branco é composta por 12 livros. A proposta realizada pelo COFEN (Conselho Federal de Enfermagem) para a confecção das obras literárias trata-se de uma encomenda explícita em que o Presidente do Conselho solicitou que as obras abordassem assuntos relacionados à saúde e que os protagonistas fossem profissionais de enfermagem.

O livro escrito por Antonio Olinto, intitulado **A dor de cada um** (2001) tem a apresentação realizada por Gilberto Linhares e o prefácio por José Sarney. O enredo gira em torno da vida de Raquel, uma menina que vive em uma fazenda num pequeno arraial, na Zona da Mata mineira e apresenta aptidão para o cuidado. A última página do livro anuncia as próximas quatro publicações da coleção, apresentando seus autores e suas respectivas obras. Além disso, apresenta outros escritores, que seriam convidados: Arthur da Távola, Carlos Heitor Cony, Demócrito Jonathas Azevedo, Domício Proença, Helena Parente Cunha e Raquel de Queiroz. Esse procedimento será realizado em todos os volumes da série.

A segunda obra da coleção, **Maria da paz** (2001), foi escrita por Arnaldo Niskier, jornalista, ensaísta, educador, historiador e acadêmico. A apresentação do livro é feita pelo próprio autor e o prefácio por Gilberto Linhares. O romance se passa na pequena Ilha de Paquetá com a descrição de toda sua beleza e dos costumes locais, local do despertar da protagonista para a sua vocação. Na última página do livro, constam as próximas três publicações da coleção com seus autores e suas respectivas obras. Nesta página, há a repetição da lista de outros autores convidados descritos no primeiro livro da coleção.

A terceira obra, intitulada **Ana Néri**, a brasileira que venceu a guerra (2002), foi escrita por José Louzeiro, jornalista, escritor e roteirista. Neste livro não há apresentação, e o prefácio foi novamente feito por Gilberto Linhares. A obra narra a vida de Ana Néri que, aos 29 anos, vê-se viúva de um capitão de fragata, e ainda mãe de três filhos. A Guerra do Paraguai tornaria o centro de sua vida, uma vez que seus filhos foram convocados. A última página do livro anuncia os próximos dois livros com seus autores e suas respectivas obras. Na lista dos outros autores a serem convidados já não consta mais o nome do escritor Demócrito Jonathas Azevedo.

Guilhermina, enfermeira e tia da república (2002) é a quarta obra da coleção, escrita por Carlos Nejar, poeta, tradutor e membro da Academia Brasileira de Letras. Neste livro também não há apresentação e o prefácio é de Gilberto Linhares. Esta obra traz uma instigante parábola sobre uma enfermeira, contada pelas lembranças de seu sobrinho, que a observava sempre em suas atividades com seus pacientes e que a admirava por sua vocação e virtude em servir a todos aqueles que dela precisassem. A última página do livro mostra as seis primeiras obras da coleção e seus respectivos autores. A lista de outros autores a serem convidados apresenta-se diferente da anterior com novos autores: Gilberto Linhares, Patch Adams, Paulo Coelho, Rubem Fonseca e Zélia Gatai.

A quinta obra da coleção **Claras manhãs de Barra Clara** (2002) é de Helena Parente Cunha, escritora, poeta e ensaísta. A apresentação é realizada por Assis Brasil, o prefácio novamente feito por Gilberto Linhares e Antonio Olinto. Curiosamente, a escritora apresenta a obra com o texto **Antes de começar minha estória**, a escritora relata que, ao ser convidada por Antonio Olinto, teve “um momento de hesitação, pois nunca havia trabalhado, na minha criação literária, com tema predeterminado” (CUNHA, 2002, p. 20). No entanto, afirma ter se apaixonado por sua personagem e pela narrativa, e que, antes de pensar na protagonista, ela estava certa de escrever uma coleção de poemas inspirados no surpreendente trabalho dos enfermeiros, mas a grande personagem veio se achegando e ocupou o seu plano de ação. Depreende-se, no entanto, que a questão abordada pela autora toca no estigma da coleção encomendada, o que parece não ter sido diluído completamente, já que a mesma sente a necessidade de se justificar. Na última página do livro percebe-se que a lista dos outros autores a serem convidados foi novamente alterada, aparecendo novos convidados como é o caso de Josué Montello, Luís Fernando Veríssimo, Murilo Melo Filho, Nélida Piñon, acrescidos aos apresentados na quarta obra.

A sexta obra da coleção, **A terapia do amor** (2002), foi escrita por Patch Adams, médico. A tradução do original americano foi realizada por Antonio Olinto, possui prefácio de Gilberto Linhares, além de prefácio do Editor da Universal Studios, empresa que proporcionou a realização do filme Patch Adams. A edição conta ainda com uma apresentação realizada pelo médico Matthew A Buld M.D.

professor assistente da escola Médica de Harvard e diretor de programas de medicina de comportamento; agradecimentos do autor e prefácio realizado pela coautora Maureen Mylander. Na última página do livro repetem-se os autores descritos no quinto livro da coleção.

A sétima obra é **Os pecados da santa** (2003), de Marcos Santarrita, escritor, jornalista, tradutor e crítico literário. Não há neste livro apresentação, e o prefácio coube a Gilberto Linhares; Antonio Olinto escreve sobre Marcos Santarrita sob o título de: **Um romancista**. Nesta obra a personagem principal é Belinha, uma jovem que carrega o estigma de que outrora fora uma prostituta. Na última página do livro percebe-se que a lista de convidados apresenta um novo escritor: Fernando Sabino. Estão apresentadas também as sete obras e seus respectivos escritores.

A oitava obra da coleção, **Uma luta pela vida** (2003), é fruto de um concurso literário promovido pela editora Mondrian, o qual teve a participação de 651 autores, sendo vencedora Lia Persona, com 23 anos à época, técnica de enfermagem, cursando a Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. O romance, que mescla ficção e realidade, tinha como título provisório **Meu irmão, meu cuidado**, e foi escolhido pela comissão julgadora responsável pelo concurso, composta pelos escritores Antonio Olinto, Arnaldo Niskier e José Louzeiro. A obra foi lançada no 6º Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem em Florianópolis (SC), em setembro de 2003. A apresentação do livro é de Gilberto Linhares e o prefácio escrito por Antonio Olinto. A história conta a adoção, por parte dos pais da autora, de uma criança de quatro anos de idade, cega e com paralisia cerebral. Na última página seguem descritos os livros já publicados da coleção Anjos de branco; e a lista de autores convidados preserva os mesmos descritos no sétimo livro.

Histórias de aprendiz (2004), de Moacyr Scliar, médico, escritor, acadêmico é a nona obra da coleção. Tem apresentação feita por Antonio Olinto e o prefácio de Gilberto Linhares. A história se passa em um ambiente hospitalar e conta sobre as relações estabelecidas pelos profissionais enfermeiros e médicos, além dos pacientes. A última página segue com os livros já publicados da coleção Anjos de branco e a lista de outros autores convidados, os mesmos descritos no oitavo livro da coleção. Nota-se, contudo, que o nome de Moacyr Scliar não constava de

nenhuma listagem anteriormente apresentada nos respectivos livros da coleção, assim como o de Renato Aragão, autor do próximo livro.

A décima obra, **Amizade sem fim** (2004), de Renato Aragão, artista, roteirista, advogado e escritor, tem também a apresentação feita por Gilberto Linhares e o prefácio por Carlos Heitor Cony. A história gira em torno de um grande conflito existencial de um jovem empresário rico que, por não encontrar sentido na sua vida, abandona seu trabalho como diretor na empresa do pai e sai pela vida em busca de seu autoconhecimento. A última página segue com os livros já publicados da coleção Anjos de branco, acrescidos do próximo lançamento. Na lista de outros autores convidados, já não aparece o nome de Gilberto Linhares, preservando-se os demais descritos no nono livro da coleção.

A décima primeira obra da coleção, **A Enfermeira Lindomar e outras histórias** (2004), de Raquel de Queiroz, cronista, jornalista, escritora, acadêmica, já não conta mais com a apresentação, e a introdução é feita por Arnaldo Niskier, membro da Academia Brasileira de Letras. O prefácio é substituído por um prólogo realizado por Gilberto Linhares. O livro discorre sobre a vida de uma enfermeira de vinte e cinco anos e suas relações amorosas, seguindo com crônicas elaboradas por uma diversidade de assuntos bastante instigantes. Este livro póstumo trata-se de uma homenagem à escritora, um trabalho que foi interrompido devido à doença de Raquel de Queiroz e que teve continuidade graças à irmã Maria Luiza, a partir de apontamentos da imortal. Na última página seguem os livros já publicados da coleção, preservando-se a lista de outros autores convidados, os mesmos descritos no décimo livro.

Durante a pesquisa foi encontrado um livro de Carlos Heitor Cony, publicado em 2007 pela editora Mem Vav Mem, em cuja apresentação, efetivada por Maria da Graça Piva, é relatado o contato realizado com o escritor no 7º Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem – CBCENF em Fortaleza-CE, em que se faz referência ao apoio dado pelo Conselho Regional de Enfermagem do Rio Grande do Sul - COREN/RS para a publicação desta obra que discorre sobre questões referentes à eutanásia, tendo como personagem principal uma enfermeira que vivencia tal situação durante sua vida profissional. Ficou uma interrogação a respeito de tal obra, visto que Carlos Heitor Cony era um dos autores convidados a produzir

uma obra para compor a coleção Anjos de branco e o livro possuía tanto a temática, quanto o personagem principal enfermeiro, aspectos necessários para a composição da coleção Anjos de branco.

A resposta ao questionamento aparece em entrevista no Jornal **Folha de São Paulo**, Em busca do contraponto, de 25 de novembro de 2006, em que o autor é perguntado: "Seu próximo livro, **A morte e a vida** foi sob encomenda e é sobre enfermagem. Por quê?".

222

O acordo com quem encomendou [Conselho Nacional de Enfermagem patrocina coleção da editora Mondrian] era de que era preciso ter uma enfermeira na história. Eu aproveitei esse tema para discutir a eutanásia. É um questionamento sobre o valor da eutanásia. Sou a favor da eutanásia. Mas no livro eu não pude defender isso. O livro é a favor da ortotanásia. Ou seja, está politicamente correto. Será talvez, o único livro politicamente correto que eu escrevi (risos) (CONY, 2006, não paginado).

Portanto, torna-se evidente que o livro do escritor seria mesmo a décima segunda obra da coleção Anjos de branco e que, provavelmente em decorrência de um problema judicial envolvendo o COFEN e a editora Mondrian, a obra foi publicada em 2007 por outra editora³.

No conjunto da coleção Anjos de branco percebemos que os romances apresentam um caráter paradigmático na medida em que procuraram analisar o profissional de enfermagem, buscando mostrar alguns aspectos inerentes à profissão, e destacam temáticas relevantes dentro da complexidade das relações humanas. Em várias obras são incorporados à essência da profissão aspectos como religiosidade, amor, disciplina, hierarquia, cuidado com o ser humano, ou seja, predominam valores tradicionais que, embora estejam relacionados aos primórdios da enfermagem, não constituem pré-requisitos para esta profissão atualmente.

³ Sobre a polêmica envolvendo o TCU e o COFEN, além de um panorama completo sobre as obras que compõem a coleção, recomenda-se consultar a dissertação de SILVA, Rita de Cássia de Souza. **O mercado editorial e a encomenda de coleções literárias**: a coleção Anjos de branco. 2017. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras) Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento e o desenvolvimento cultural e econômico do país repercutiram em mudanças necessárias no mercado cultural, trazendo novas perspectivas relacionadas ao público consumidor. Neste artigo, verificou-se que o escritor precisou adaptar-se aos novos moldes de profissionalização ligada a um leitor seduzido por projeções produzidas pela mídia.

A partir da década de 1970 surgem novas perspectivas do fazer literário com o aparecimento do executivo-editor, que aliou estratégias e jogadas de marketing a um nicho de mercado promissor, estabelecendo produtos direcionados a este público. A criação de coleções temáticas desenvolveu-se levando em conta aspectos como: racionalidade, economia, prestígio pertinente a certos escritores e temáticas direcionadas a determinados públicos, agrupadas por faixas etárias ou por divisão de assuntos. A metodologia conduzida pelas editoras na organização de seus catálogos em coleções revela um processo de encomenda implícita, assim como o direcionamento de obras com temáticas pré-determinadas como uma encomenda explícita, designando uma intervenção do editor na produção da obra.

Frente à questão central em relação ao mercado editorial com a estratégia da encomenda de coleções literárias, a coleção Anjos de branco foi lançada para atender a um nicho de mercado o conhecimento da profissão pela sociedade. Apesar de ter se constituído numa proposta de grande relevância e a iniciativa ter sido inovadora, pode não ter alcançado seus objetivos. O resultado pode ter sido comprometido tanto pelos trâmites irregulares do projeto, quanto pela imagem que comparece nas obras levadas a termo.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Patch; MYLANDER, Maureen. **A terapia do amor**. Tradução Antonio Olinto. Rio de Janeiro: Mondrian, 2002. (Anjos de branco; v.6).

ANTELO, Raul. Valor e Pós-Crítica. In: ANTELO, Raul. MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lúcia. H (Org.) **Valores arte mercado política**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG / Abralic, 2002. p. 145-157.

224

ARAGÃO, Renato. **Amizade sem fim**. Rio de Janeiro: Mondrian, 2004. (Anjos de branco; v.10).

BARTHES, Roland. A morte do autor. Tradução de Mário Laranjeira. In: _____ **O rumor da língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 65-70.

_____. **O Prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. Revisão Alice Kioko Miyashiro. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: a contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2004.

BRANT, Leonardo. Cultura: Investimento social. In: _____ **Mercado cultural**. São Paulo: Escrituras editora, 2001. p. 19-37.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Legislação de Enfermagem**. Rio de Janeiro 2009. p. 23.

CONY, Carlos. H. **A Morte e a vida**. Rio de Janeiro: Mem Vav Mem, 2007.

_____. Em busca do contraponto. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. Rio de Janeiro. 25. nov. 2006. Não paginado. Disponível em: < <http://www.folha.com.br> >. Acesso em 22 set. 2016.

CUNHA, Helena. P. **Claras manhãs de Barra Clara**. Rio de Janeiro: Mondrian. 2002. (Anjos de branco; v.5).

FERREIRA, Aurélio. B. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michael. **O que é o autor?** Tradução de Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. 4. ed. Lisboa: Veiga, 2000.

KORACAKIS, Theodoro. **A companhia e as letras**: um estudo sobre o papel do editor na literatura. 2006, 204 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LOUZEIRO, José. **Ana Néri**, a brasileira que venceu a guerra. Rio de Janeiro: Mondrian, 2002. (Anjos de branco; v.3).

NEJAR, Carlos. **Guilhermina enfermeira e tia da República**. Rio de Janeiro: Mondrian, 2002. (Anjos de branco; v.4).

NISKIER, Arnaldo. **Maria da Paz**. Rio de Janeiro: Mondrian, 2001. (Anjos de branco; v.2).

OLINTO, Antonio. Cultura de encomenda. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro. 14 ago. 2002. Não paginado. Disponível em <<http://www.academia.org.br/artigos/cultura-de-encomenda>>. Acesso em 1 set. 2015.

_____. **A dor de cada um**. Rio de Janeiro: Mondrian, 2001. (Anjos de branco; v.1).

PELLEGRINI, Tânia. **A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado**. 1997 Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memória/Ensaios/tania.html>>. Acesso em 1 set. 2015.

PERSONA, Lia. **Uma luta pela vida**. Rio de Janeiro: Mondrian, 2003. (Anjos de branco; v.8)

QUEIROZ, Raquel. **A enfermeira Lindomar e outras histórias**. Rio de Janeiro: Mondrian. 2004. (Anjos de branco; v.11)

SANTARRITA, Marcos. **Os pecados da santa**. Rio de Janeiro: Mondrian, 2003. (Anjos de branco; v.7).

SCLIAR, Moacyr. **Histórias de aprendiz**. Rio de Janeiro: Mondrian, 2004. (Anjos de branco; v.9).

Silva, Rita de Cássia de Souza. **O mercado editorial e a encomenda de coleções literárias**: a coleção Anjos de branco. 2017. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SOUZA, Eneida. M. Mais vale um gosto que seis vinténs. In: ANTELO, Raul. MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lúcia. H (Org.) **Valores arte mercado política**. 1. ed. Belo Horizonte. Editora UFMG / Abralic, 2002. p.185-194.

TEIXEIRA, Gilberto. De Conselho para Conselho. **Revista Educação Física**. Rio de Janeiro, n. 5, p. 22-25, dez. 2002. Trimestral. Entrevista. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/extra/revistaef/show-asp?id=3460>>. Acesso em: 1 set. 2015.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. **Alea: Estudos Neolatinos**. Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 85-97, Jan/Jun. 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33015778006>>. Acesso em: 26 out. 2016.